

máquina corruptora que já vi montada neste país, a do governador Prof. Carvalho Pinto na administração de São Paulo. (Muito bem! Muito bem!)

Tendo meu ponto de vista firmado, o expenderei desta tribuna. Não poderia, mesmo coincidindo meu ponto de vista neste caso, com o do Executivo, favorável a eleições diretas no próximo outubro, deixar de trazer a solidariedade a V. Exa. e aos Srs. deputados que, porventura, vejam a matéria contrariamente a este colega. Sr. Presidente, tenho requerimento nesta Casa solicitando ao Poder Executivo informações sobre os contratos de propaganda do tal "Plano de Ação" com a imprensa falada, escrita e televisada, e até hoje não foi respondido. Sabe-se que em propaganda o prof. Carvalho Pinto gasta bilhões. Mas os proprietários da imprensa insistem em vender no balcão, a liberdade de imprensa que não foi por eles conquistada, mas sim pelo nosso povo em históricas lutas.

Colocar-me-ei contra estes proprietários de jornais, defendendo o direito que os ilustres deputados têm de manifestar-se pelo parlamentarismo, mesmo em desacordo com este deputado. Mas, Sr. Presidente, faço esta minha manifestação porque vejo na eleição direta a possibilidade de mostrar nas ruas, nas praças públicas, em todos os recantos do Estado, a verdade sobre o que tem sido este nefasto governo do Prof. Carvalho Pinto, que, nesta hora, acintosamente, entra com todo o peso do seu arcabouço de ouro para manietar as discussões que se devem travar neste Parlamento.

Manifestando, assim, Sr. Presidente, meu ponto de vista favorável às eleições diretas no próximo 3 de outubro, para a escolha do governador do Estado, manifesto também a solidariedade a V. Exa., no direito de manifestar sua opinião, aqui dentro e lá fora. (Muito bem!)

O SR. PRESIDENTE — Obrigado a V. Exa.

Tem a palavra o nobre deputado Anacleto Barbosa.

O SR. ANACLETO BARBOSA (Sem revisão do orador) (Para reclamação) — Sr. Presidente e Srs. deputados, em nome do Partido Libertador venho trazer a inteira solidariedade da agremiação à pessoa de V. Exa., em face dos ataques injustos que V. Exa. recebeu. A "Última Hora", de ontem, em sua primeira edição, publicou uma notícia encimada pela fotografia de V. Exa., Sr. Presidente, com todas as características de matéria paga. Entretanto, quando naquela crise nacional, em dias deste ano, V. Exa. esteve, juntamente com os demais Srs. deputados desta Casa, em vigília cívica na defesa do sistema presidencialista, na defesa da Constituição, essa mesma impressão não se lembrou de fazer com que se ressaltasse devidamente a atitude de V. Exa., atitude profundamente democrática, atitude que sempre tem sido uma constante na vida de V. Exa.

Vou, Sr. Presidente, da tribuna desta Casa, defender a emenda parlamentarista e, oportunamente então voltarei novamente ao assunto para justificar — se é que de justificação precisa a conduta de V. Exa. — o proceder ígtilmo de V. Exa. no tocante à colocação na Ordem do Dia da emenda a ser discutida e a ser votada pelos nobres Srs. deputados desta Casa. V. Exa. não fez mais do que cumprir o Regimento Interno desta Casa — e, mais do que isto, V. Exa. nada mais fez do que cumprir um imperativo constitucional. E agora, porque V. Exa. defende novamente a Constituição da República, jornais subvencionados, empresas publicitárias, numa atitude contraditória e chocante, divorciados dos legítimos interesses de São Paulo, se põem contra a atitude de V. Exa. para atribuir-lhe demérito que nunca possuiu porque V. Exa. sempre representou a dignidade do Poder Legislativo de São Paulo.

O SR. PRESIDENTE — Muito obrigado a V. Exa.

O SR. BENEDITO MATARAZZO — Peço a palavra para reclamação. Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE — Tem a palavra, para reclamação, o nobre deputado Benedito Matarazzo.

O SR. BENEDITO MATARAZZO (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. deputados, assumo neste instante, à tribuna deste Parlamento para trazer a V. Exa., Sr. Presidente Abreu Sodré, a minha solidariedade e a solidariedade da minha bancada, a bancada do Partido Trabalhista Brasileiro, nesta conjuntura que é realmente, vexatória para esta Assembléia.

Não poderia, absolutamente, Sr. Presidente Abreu Sodré, deixar a minha bancada de vir trazer a V. Exa., num instante que sofre toda a sorte de aleivosias partidas de um setor mau da imprensa de São Paulo num instante em que se assiste estarecido sofrer a sua dignidade, jamais conspurcada e negada, arremetidas tão sóezes, de procedência tão espúria, não poderíamos nós negar-lhe a nossa solidariedade. Neste momento, Sr. Presidente, vem à mente deste deputado, que o admira pela sua imparcialidade e dignidade pessoal, vem à mente deste deputado aquela sua providência organizando nesta Casa, por sua alta recreação e dentro do Regimento Interno, uma Comissão de deputados para ir ao Sindicato dos Jornalistas, não obstante estivessemos em sessão, a fim de prestar aqueles profissionais a solidariedade desta Casa numa tentativa de se evitar arremetidas mais perigosas, inclusive contra a integridade física dos bravos jornalistas que se empenhavam numa campanha justa e humana em defesa de suas reivindicações. E é neste instante que sabemos e chegamos à conclusão de que não são esses jornalistas profissionais os culpados das arremetidas, das invectivas de que, agora, estamos nos desagravando com o coração aberto.

Mas, acredite V. Exa., Sr. Presidente, esta campanha difamatória, que não o atinge, na qual sobrepára sobretudo a sua dignidade, esta campanha é o trôco, é a resposta; é, sobretudo, a recompensa a V. Exa. pela sua atitude desasombrada, há poucos dias, quando, como homem público que é, como autêntico democrata que é, ficou ao lado dos jornalistas na sua campanha reivindicatória de salários.

Quem lhe fala neste instante, Sr. Presidente, conhece V. Exa. há anos; é um elemento do Partido Trabalhista Brasileiro; é um geulês convicto, que sempre o combateu dentro das normas dogmáticas e pragmáticas, mas que sempre o respeitou como homem público e que nesta Assembléia, em convivência com V. Exa., aprendeu a saber o que é, na exatidão do termo, ter um companheiro; o que é, na verdade aceção da palavra, um autêntico Presidente de Assembléia Legislativa.

Fica aqui a minha solidariedade pessoal a V. Exa., que não poderia faltar neste instante, porque se faltasse a minha palavra nesta manifestação magnífica estaria faltando eu, inclusive, com o meu dever e com os meus sentimentos de solidariedade.

O SR. MARCO ANTÔNIO (Para reclamação) — (Sem revisão do orador) — Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa, meus ilustres e eminentes pares há momentos que esta Casa se une, porque seite o inimigo comum rondar-lhe as portas. Noutras ocasiões, porém, é uma parte só dos deputados que sente esta ameaça.

Nós, Sr. Presidente, que pertencemos à minoria desta Casa desde o início da legislatura, já temos experiência, já sofremos na própria carne quanto vale o dinheiro público na mão dos jornais. Já sofremos, Sr. Presidente, quando o Governo teve interesse de comprar esta imprensa, que envergonha a nossa terra, para nos atacar e tivemos a honrabilidade de ir à tribuna e dizer a verdade sobre esta imprensa, imprensa que ainda não mereceu o julgamento de um tribunal do povo, mas que há de merecer.

Reputo, Sr. Presidente, como a maior e grande responsável pelas desgraças nacionais a péssima imprensa de nossa terra, principalmente a de São Paulo, mais vendida por atacado do que todas as outras.

Essa gente faz o seu comércio, contra o qual de resto não poderíamos nada dizer se ao mesmo tempo não se arvorassem em um poder à parte na sociedade moderna. Empresa comercial, sim; como comerciante respeito o dono da empresa, mas como jornalista, querendo ser o homem que hoje faz lembrar os que iniciaram esta nobre e gloriosa profissão, não!

José do Patrocínio se envergonharia dos seus colegas de hoje. A humanidade, Sr. Presidente, lutou sobretudo, principalmente na idade moderna, com a queda da Bastilha; veio de luta em luta, buscando e reivindicando as liberdades. Entre estas, a mais sagrada e a mais ambicionada foi a liberdade de expressão do pensamento, que se consubstanciou na liberdade de imprensa. Liberdade esta que custou muita vida, que custou muito sangue e que custou muita liberdade.

Um dia, porém, a humanidade a conseguiu e quando se pensava que esta liberdade fosse funcionar em benefício da sociedade, em benefício principalmente das classes menos favorecidas, eis que esta liberdade se transforma em algoz, porque ela é vendida para os poderosos. (Muito bem!)

E estes, os que batem na porta do balcão da empresa, é que são os donos da liberdade de imprensa. Os moços que escrevem, são os maiores escravos da vida moderna. Ou escrevem na conformidade da orientação do jornal. Como então se chamar de poder e se erigir em julgadores da moral? Os vendi- E o jornal tem como orientação a orientação do dinheiro que lhe é carreado, ou não tem publicado os seus artigos, ou perdem o seu emprego. (Muito bem!) lhos do templo, porventura, podem, de qualquer forma, julgar-nos, a nós outros, para dizer da moralidade ou da imoralidade? Vendidos estão hoje para nos atacar e atacar V. Exa., Sr. Presidente, por causa da emenda parlamentarista. (Muito bem!) Se o dinheiro tivesse funcionado noutro sentido, o ataque seria ao inverso, seria contra aqueles que não querem a emenda parlamentarista. (Muito bem!) Que valor tem esta imprensa?

Por isso, Sr. Presidente, nós, que já sentimos na própria carne, nós, da minoria, que atravessamos noites no cumprimento do dever, entregando a nossa saúde em holocausto àquilo que entendíamos ser do interesse da sociedade e via-

mos essa mesma imprensa desfazer tais notícias contra a minoria, a omitir o trabalho da minoria, a esconder nos desvãos daquelas casas malditas, tudo o que era honesto em favor do pobre, em favor da sociedade, elevando o nome da Assembléia, dizemos; que valor tem essa imprensa, Sr. Presidente, para que se possa um dia alguém, e principalmente um homem como V. Exa., se sentir diminuído por ela?

A ofensa vale pela sua origem. (Muito bem!) A origem é espúria, Sr. Presidente. Ela tem como base o dinheiro, que é a coisa mais espúria que existe. Esta gente não resiste ao tilintar da moeda. E pensam que a honra alheia vale tanto quanto a própria!

Naquele balcão e naquele mercado, tudo se vende. Por isto, hoje, quando abri os jornais e vi ataques pessoais a V. Exa., e, por parte de um outro jornal, chistes glosando, procurando diminuir, denegrir a honra e a dignidade desta Assembléia, compreendi, por inteiro, aquele pensamento que há muito me acompanha. Conclusão de estudos, conclusão de observações: a imprensa é a desgraça nossa. E ela quem esconde do povo as informações que poderiam formar a legítima opinião pública. (Muito bem!) Esta imprensa que elogia quem paga, que denigre quando lhe pagam para denegrir! É esta imprensa a verdadeira responsável por não termos ainda uma democracia à altura da nossa civilização. O povo elege mal porque é mal informado. Ele só recebe as informações que o dinheiro paga. E então, são os grupos econômicos que vão-se instalando em nossa terra e manipulando a opinião pública. Que interessa amanhã dizer: mas o povo precisa eleger!

Isto é uma farsa, é uma mentira. Sabem que o povo não elege, é enganado para eleger (muito bem), neste estelionato, cujo ardil é feito através da imprensa escrita, falada e ouvida. E vêm ainda nos ofender! E vêm falar em constitucionalidade!

Não deve ir, o sapateiro, além da chinela. Fique na xingação apenas. Não entre no terreno jurídico, porque não entende. Na xingação, sim. Hoje xinga V. Exa., como ontem xingava a minoria, porque interessava ontem aos Campos Elísios diminuir a minoria e a minoria era diminuída pela imprensa de nossa terra. Hoje esta imprensa é orientada para diminuir V. Exa., para diminuir esta Casa, para tirar-lhe a independência, para que o deputado não possa dizer aquilo que pensa, com medo desse outro poder, poder que se erigiu pela audiência de muitos e pela indiferença das populações e dos políticos que procuram agradar a imprensa. Eu não os agrado, Sr. Presidente, porque os conheço humildes, humildes e submissos, no meu escritório, pedindo-me o esforço da minha cultura e da minha inteligência para defendê-lo. E eu os defendi sempre. Por isto eu não os temo. Nunca os temi, e pediria a Deus que não me desse esta oportunidade de dizer hoje, com todas as letras e toda a ênfase, o que penso da imprensa: vergonha, vergonha de São Paulo, vergonha de uma civilização! (Muito bem! Muito bem!)

Quando amanhã, Sr. Presidente, ao lado desta imprensa mercenária, nós tivermos uma imprensa idealística, então vão-se desnudar todas as verdades, todas as tramas, para mostrar de que estófo é formada essa imprensa.

Eu conheço muita história, Sr. Presidente. Eu sou um advogado criminal. Muita gente desta imprensa sabe que não pode levantar os olhos para mim. E como querem chamar-nos de imorais? Como querem dizer que isto é um golpe?

Como eu poderia estar junto com V. Exa. politicamente, Sr. Presidente? V. Exa., um homem da U.D.N., eu, um homem do P.S.P., que se orgulha de ser (muito bem), de cujo partido não quer sair e não sairá, que se orgulha dos seus companheiros, que quer bem toda a família "pesepesta" — como poderia eu me irmanar com V. Exa. politicamente para dar um golpe? No entanto, é a ofensa que se atira no tapete, porque sabem impunes, porque as palavras que eu digo aqui vão morrer — vão morrer, Sr. Presidente! — nos Anais desta Casa, porque nós não temos uma imprensa para dizer a verdade, para contar toda a verdade, para apunhar pelas orelhas esses malandros (muito bem), esses malandros que vivem do golpe, que vivem do acahuque, que devem para todos os Institutos de Previdência, que devem para o Banco do Estado, que devem para as Caixas Econômicas Federal e Estadual, que devem para o Banco do Brasil; vendilhões que lutam e brigam para pagar um salário de fome para o intelectual que escreve, e no entanto se vê muitas vezes até entre os pequenos, vendidos também, porque na maioria funcionários que não trabalham, ganham sem trabalhar, furtam o Estado, e querem erigir-se em nos olhar diminuindo a nós outros.

Sr. Presidente, estes malandros não de saber que há um dia de prestação de contas, há um dia em que um político honesto, correto, que não precisa e não quer a imprensa, vai-lhes puxar as orelhas no momento oportuno. Nesta Casa, as nossas palavras podem morrer sem eco lá fora, mas sabe V. Exa., que o coração de um brasileiro, que é o coração de um paulista que vibra neste instante, quando vê este poder, poder maravilhoso, que garante as demais liberdades, achincalhado, porque o dinheiro de certos interessados é carreado para as caixas registradoras. Saibam, porém, estes homens da imprensa, donos de empresas e jornalistas mancomunados com os donos de empresas, saibam que quando muito há de receber de nós outros, que não temos rabo de palha, que temos vida limpa e honesta. Nós que aqui estamos há 3 anos a trabalhar com a nossa bancada, esta maravilhosa bancada do P.S.P., que podemos ter nossas vidas abertas a qualquer público, manifestamos a eles o nosso desprezo, o nosso asco. Malandros, malandros e malandros! (Palmas. Muito bem!)

O SR. PADRE GODINHO (Para reclamação) — (Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, devia trazer, em nome da minha bancada, uma palavra de desagravo a V. Exa. Mas vejo que o meu dever neste instante é o de trazer a este Plenário, em nome da minha bancada, o nosso agradecimento.

Tome nota, Sr. Presidente, deste dia. Tome nota, na sua vida já tão cheia de horas grandes e de fastos gloriosos, tome nota, dia e tome nota destas horas. V. Exa. acaba de receber neste Plenário uma consagração a que muito homem público aspiraria na sua vida e talvez não consiga por não merecê-la. (Muito bem!) V. Exa. foi atacado e foi atingido da maneira mais baixa, mais sórdida e mais sóez, mas esses agravos e esses ataques não visam diretamente à pessoa de V. Exa., mas sim a este Parlamento. (Muito bem!) Uma campanha bem urdida, Sr. Presidente, (muito bem!) bem conduzida e bem financiada (muito bem! Palmas) procura a ingir o regime na sua base, no seu alicerce, porque a sua base e o seu alicerce, bem ou mau, é este Parlamento. (Muito bem! Palmas!)

V. Exa., para sua conduta, para sua honra, para sua dignidade, para seu caráter, não precisa de outro juiz senão o do seu próprio passado. (Muito bem!) Quando V. Exa. estava na prisão, quando V. Exa., no largo glorioso e velho de São Francisco, oferecia o verdor de seus anos à liberdade, à redemocratização, pergunto-lhe Sr. Presidente, pergunto-lhes Srs. deputados: onde estavam tantos deus que agora tentam em vão atirar-lhe no ros o a baba do seu ódio e do seu despeito?

Sr. Presidente, da sua conduta pública não há melhor juiz do que o povo de São Paulo, que por três vezes o trouxe a esta Casa. Da sua conduta, nesta Casa, não há melhor juiz do que este Plenário, que o viu líder da sua bancada por repetidas vezes, líder do governo uma vez e duas vezes o colocou nessa cadeira que não o honra pois que é V. Exa. que a tem honrado com a sua conduta. (Muito bem! Palmas!)

Ah! Sr. Presidente, acusam-no, detrajem-no, procuram atirar-lhe em rostos os insultos pagos à linha! (Muito bem!) Por quê? Porque V. Exa. por um imperativo constitucional, pelo artigo 137 da Constituição, que segundo me consta ainda se acha em vigor (muito bem!), por um imperativo regimental, por um imperativo do Ato Adicional que não fomos nós a votar, (muito bem!) V. Exa., juntamente com os membros da Mesa, apresentou — a quem? — à apreciação e discussão deste Plenário soberano a emenda que adota a Constituição do Estado à Constituição Federal. Não se trata, Sr. Presidente, de um crime passionnal. Trata-se de matéria jurídica, que deve ser discutida com razões jurídicas. Mas, quando começam os insultos é porque acabam as razões. (Muito bem!) Sabem que não têm razões porque não têm razão. Divirjam, discutam, ataquem com argumentos jurídicos e com razões — mas mantenham a dignidade do debate. Não desçam ao insulto. Não se arrastem pela difamação, pela calúnia. Mas nada disso atinge ao Sr. Presidente, como não atinge este Plenário e esta Casa. Esta é uma Casa sem telhado. Sabe-o o povo, sabe-o a própria imprensa que tantas vezes oculta as nossas pequeninas virtudes para pôr em relevo os nossos possíveis deslizes. Esta é uma Casa desarmada, Sr. Presidente. É uma Casa que não possui outro dinheiro senão o orçamento que vota para o Executivo. Nós não temos dinheiro para a imprensa, para o rádio, para a televisão. Não temos senão estes frágeis microfones. E como dizia ainda há pouco o nobre deputado Marco Antônio, as nossas vozes aqui ecoam, aqui morrem e aqui se sepultam, porque nós não dispomos da máquina que a sua força projetar, senão da máquina que tantas vezes as torce as subverte a seu talento e a seu capricho. Não importa. Mais longa do que a nossa é a vida da História. Mais correto do que o nosso é o juízo do povo, e infalível, acima de todos, é o julgamento de Deus. Estamos em paz com a nossa consciência, e os uivos que vêm misturados aos insultos, às aleivosias, não de passar, Sr. Presidente, e não de perder-se como um eco que há de dar-lhes recursos, somente a eles, pelo mal feito e pelo mal dito.

C rta vez, um famoso estadista espanhol, ao ouvir que o atingiam